



CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E FORMAÇÃO DOCENTE

Maria da Paz Cavalcante

Maria da Paz Cavalcante – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: mariadapazc@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho, que tem uma peculiaridade de intervenção no processo formativo de uma professora de História, objetiva refletir sobre a consciência histórica do aluno em um processo de formação docente. Traz como aporte teórico as ideias de Rüsen (2001, 2006, 2010) e Barca (2007a, 2008), dentre outros. Optou-se pela abordagem colaborativa como estratégia formativa e empregou-se como procedimento uma das etapas dos ciclos de estudos reflexivos. Os resultados revelam que, para a docente, o desenvolvimento da consciência histórica do aluno, no aprendizado da interpretação de textos de história, ocorre no contato que o discente realiza com a leitura sobre a história, na ampliação do conhecimento e na busca de respostas, dentro do texto, para os questionamentos. O processo formativo revelou uma elevação na aprendizagem da professora o que pode contribuir para o aprimoramento de sua prática docente no ensino de História.

Palavras-chave: Consciência histórica, formação docente, ensino de história.

Introdução

A consciência histórica constitui um dos desafios sedutores para a reflexão e a investigação. Ideias sobre ela tem nos permitido uma visão de mundo mais abrangente sustentada pelo conhecimento da história. Vários autores, dentre eles Rüsen (2001, 2006, 2010), Barca (2007a, 2008), Cardoso (2008) e Cerri (2001), que a situam no campo da Educação Histórica vêm tentando explicá-la, oferecendo-nos contribuições quanto ao seu conceito, o que nos ajuda a pensá-la no ensino de História.

O modo como interpretamos o mundo e a compreensão da nossa interpretação sobre ele é algo que nos reporta à consciência histórica que emerge na história do homem, integrada à sua atividade. Ao pensarmos, o desenvolvimento da consciência histórica no ensino de História, é possível dizer que esse ensino poderá ajudar o aluno a superar incertezas ou lacunas ligadas ao conhecimento – ao compreender a constituição de sentido da experiência histórica e humana no tempo. Para isso, sabemos da relevância do nexos entre o passado, o presente e o futuro.



Na sociedade, como a que vivemos na atualidade, carregada de informação múltipla, somos confrontados com diversas visões de mundo, por vezes conflitantes entre si, tanto do passado como do presente. A história possui significações que precisam ser apreendidas pelos educandos no seu percurso de conscientização. Para isso, alguns desafios necessitam ser enfrentados e eles não se situam apenas ao nível das escolhas no âmbito do conhecimento de referência. Eles exigem também uma atenção em relação às perspectivas daquele que aprende – suas representações¹, seus motivos, o que requer, necessariamente, dentre outros aspectos, que o professor tenha uma formação docente sólida. Assim, atuando com a pesquisa colaborativa, objetivamos refletir sobre a consciência histórica do aluno, no aprendizado da interpretação de textos de história no Ensino Fundamental, o que ocorre em um processo de formação docente.

O ensino de História como um espaço de desenvolvimento da consciência histórica dos educandos

O desenvolvimento da consciência histórica é uma exigência humana, resultante do processo histórico, e se caracteriza pelo fato de ser humano se encontrar numa situação histórica na qual elabora representações a respeito de suas relações com a natureza e a sociedade. No aprendizado da história é possível pensarmos um avanço no desenvolvimento dessa consciência pelos educandos colocando, em discussão, o ensino de História na escola como um espaço fundamental para que isso ocorra.

O caráter histórico do conhecimento e a constatação da sua diversidade que vem sendo afirmados, na sala de aula, como construção intelectual, interpretativa e consciente, leva-nos a pensar que no ensinar e aprender é preciso estar presente uma perspectiva que não esqueça o local e o global no atendimento à uma formação interessada pelos valores humanos e sociais.

A História, como um instrumento de compreensão da realidade e de formação da consciência histórica dos alunos, oferece ao discente condições de discernir para onde se encaminha o movimento da vida em sociedade e lhes possibilita se desenvolver e intervir na realidade com uma formação cognitiva e afetiva mais elaborada. Tal entendimento nos remete a uma relação com o

¹ Representação entendida como [...] uma mediação real, incitadora, motivante [...] uma reintrodução de sentido, um retorno de sentido. Não é uma presença de novo, apenas uma memória – por vezes insípida ou fugidia – do que aconteceu. (PAIS, 1999, p. 1).



conceito de consciência histórica o qual, no âmbito da Filosofia da História, constitui um dos objetos de pesquisa no campo da Educação Histórica.

A consciência histórica não tem uma definição sinônima. Cardoso (2008) trata de quatro conceitos na literatura especializada e nos diz da dificuldade que é defini-la, com precisão, por ela reunir mais de um conceito. E nos fala:

Em suma, a expressão ‘consciência histórica’ pode definir o pensar segundo conceitos e métodos históricos — pelo desenvolvimento de uma representação da disciplina História e da forma de pensamento disciplinar que lhe é subjacente —, o entender-se parte de uma história, o situar-se no tempo, o fundamento do conhecimento histórico e talvez a consciência de que há uma diferença entre os acontecimentos e sua narrativa. (CARDOSO, 2008, p. 161).

Cerri (2001), também nos esclarece que às vezes a consciência histórica é referida a realidades muito diferentes ou mesmo excludente entre si. Em busca de diferenças, especificidades, mas também de semelhanças ele criar um diálogo com diferentes autores que tomam em conta o problema ou se utilizam da expressão. Nesse seu estudo, dimensionando sua importância para a didática da história, apresenta-nos duas vertentes na abordagem do conceito. A primeira, estabelece que a consciência histórica seja o resultado de condições de ambiente histórico e cultural e de preparação intelectual do indivíduo. A segunda, considera a consciência histórica como um conjunto de estruturas mentais e processos, típica do pensamento humano, enraizada na historicidade própria à vida do indivíduo. A teoria de Rüsen (2001) é encontrada nessa segunda vertente.

Rüsen (2001, p. 84) nos fala sobre a história como conteúdo da consciência histórica nos dizendo que nesse sentido “história é a soma das mudanças temporais do homem e de seu mundo no passado, interpretadas como transformação de tempo natural em tempo humano [...]” . No diálogo com a natureza, com os outros homens e consigo mesmo, o indivíduo tem planos e metas que vão além da eventualidade, superando os limites do tempo natural.

A consciência histórica é encontrada na discussão que este historiador (2001) faz sobre a teoria da história² significando “[...] a realidade a partir da qual se pode entender o que a história é, como ciência, e por que ela é necessária”. (RÜSEN, 2001, p. 56). Ela é discutida como uma forma de consciência humana que está relacionada com a vida³ prática (diária) do homem. Uma vez

² “A teoria da história é, pois, aquela reflexão mediante a qual o pensamento histórico se constitui como especialidade científica”. (RÜSEN, 2001, p. 26).

³ A expressão “vida” é designada pelo autor (2001) mais do que o processo biológico, mas também, no sentido amplo, de um processo social.



que o agir⁴ do homem é histórico, ele usa sua intencionalidade para transformar o tempo natural em tempo humano. O autor, em evidência (2001), considera os resultados interpretativos, obtidos pela consciência histórica, a partir da distinção dessas duas qualidades temporais: o tempo natural e o tempo humano.

A consciência histórica, portanto “é o trabalho intelectual realizado pelo homem para tornar suas intenções de agir conforme com a experiência do tempo” (RÜSEN, 2001, p. 59). Trabalho esse que ocorre na forma de interpretações das experiências do tempo com relação às intenções do agir humano. Sendo essas experiências “[...] interpretadas em função do que se tenciona para além das condições e circunstâncias dadas da vida” (RÜSEN, 2001, p. 59). Nascimento, vida e morte são marcos que oferecem ao ser humano noção de espaço e tempo – variando a atribuição de sentido à experiência temporal – estando à consciência histórica, portanto, ligada às situações reais da vida presente.

A formação da consciência histórica ocorre nesse processo e em um campo heterogêneo. Segundo Rüsen (2001, p. 48), a teoria da história é para a ciência da história “[...] a especialidade que reflete sobre seu enraizamento na vida prática e sua função nela – a partir da qual a ciência da história [...] se abre para todos os processos [...]” que ele designa por “formação histórica”.

A “formação histórica” é entendida, por esse autor (2001, p. 48), como “[...] todos os processos de aprendizagem em que a ‘história’ é o assunto e que não se destinam, em primeiro lugar, à obtenção de competência profissional”. Não tendo relação, somente com o aprendizado e o ensino de História nas escolas, mas dizendo respeito à “[...] um campo a que pertencem inúmeros fenômenos do aprendizado histórico [...]”. (2001, p. 48).

Os processos específicos de aprendizagem e todos os demais existentes nesse campo servem à orientação da vida presente. Nesses processos de aprendizagem “[...] o ensino da história (no sentido mais amplo do termo: como exposição de um saber histórico com o objetivo de influenciar terceiros) desempenha algum papel”. (RÜSEN, 2001, p. 48).

A História constitui “[...] uma matéria de experiência e interpretação [...]” (RÜSEN, 2006, p. 16). Isso leva-nos a destacar que o seu ensino, na escola, implica ter à função de contribuir na orientação da vida diária dos educando. O desenvolvimento da consciência histórica, vinculada a

⁴ “O agir é um procedimento típico da vida humana na medida em que, nele, o homem, com os objetivos que busca na ação, em princípio se transpõe sempre para além do que ele e seu mundo são a cada momento”. (RÜSEN, 2001, p. 57).



uma prática disciplinar é uma forma complexa, entretanto, de focar a dimensão histórica e humana no tempo sendo, pois inseparável do fato de estarmos no mundo.

Uma questão fundamental, explicitada por Rüsen (2006), que emerge, é como o passado pode ser é experienciado e interpretado de modo a gerar uma compreensão do presente e uma antecipação do futuro?! Na perspectiva de Rüsen (2006), a consciência histórica dá estrutura ao conhecimento histórico como um meio para que isso ocorra, por ela ser “[...] uma combinação complexa que contém a apreensão do passado regulada pela necessidade de entender o presente e de presumir o futuro”. (RÜSEN, 2006, p.14). Isso aponta para o fato de que essa consciência exige uma interpretação da história relacionada com as experiências dos indivíduos em processo de aprendizagem. Sendo a aprendizagem da história compreendida como “um processo de desenvolvimento da consciência histórica no qual se deve adquirir competências da memória histórica”. (RÜSEN, 2010, p. 113).

Nesse contexto, as instituições de ensino muito têm a contribuir na descoberta dos fatos passados, que se perderam ou são desconhecidos, os quais precisam ser interpretados como história, de forma contextual, considerando o tempo em que se situam e junto a outros fatos.

A pertinência de um diálogo, a nível epistemológico e investigativo, no âmbito da Educação Histórica remete-nos, também às investigações de Barca (2007b, 2008). No que se refere, mais especificamente, à consciência histórica, algumas de suas discussões têm se centrado na tentativa de compreender ideias históricas que jovens portugueses apresentam (2007a, 2008) e a compreensão da consciência histórica por jovens, não apenas de Portugal, mais de outros países lusófonos como Brasil, Cabo Verde e Moçambique (2011). Para ela (2007a), a consciência histórica constitui, na atualidade, um dos objetos centrais de pesquisa no campo da Educação Histórica com a intenção de reunir dados empíricos que possibilitem um melhor entendimento das ideias dos jovens acerca dos usos da História no seu cotidiano.

Na perspectiva de contribuir para a construção de uma consciência histórica avançada que sustente, de algum modo, às necessidades de uma orientação temporal numa realidade de incertezas, como a que vivemos, Barca (2008, p. 47-48), com base nas contribuições de Rüsen (2001), Lee (2004) e Seixas (2004) – os quais fazem uma discussão epistemológica sobre as relações da história com a vida prática –, apresenta-nos algumas âncoras de análise da consciência de jovens e de professores de História dizendo:

a) A consciência histórica constitui uma atitude de orientação temporal sustentada refletidamente pelo conhecimento da História, e distingue-se de uma simples



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

resposta de senso comum às exigências práticas em termos de sentimentos de identidade.

b) ‘Ter consciência histórica’ não implica a adoção, por todos, de um determinado paradigma historiográfico nem tampouco significa a defesa de uma única narrativa substantiva.

c) ‘Ter consciência histórica’ avançada implica adquirir um certo sentido do que é a História como disciplina acadêmica, dominar determinadas competências historiográficas, construir *uma narrativa* (não a *narrativa*) da condição humana (e não apenas do seu país) e refletir (e agir, intervir?) em consonância com o esquema mental que cada um vai dinamicamente formando.

A consciência histórica se desenvolve numa dinâmica de reflexão, acerca do conhecimento da história, e se exprime na atitude dos indivíduos em conformidade com o esquema mental que cada um vai desenvolvendo. E uma consciência histórica avançada, para a autora citada (2008), está relacionada à ancoragem do conhecimento de uma história substantiva em conceitos de segunda ordem, permitindo a utilização desse conhecimento para realizar uma crítica do mundo atual e construir horizontes de expectativas processuais de futuro.

Para compreendermos a história precisamos promover a sua interpretação. Esta favorece a realização de uma melhor apreensão da história, inerente a um percurso de orientação temporal e cultural da existência humana, permitindo ao indivíduo se perceber historicamente situado e agir de modo intencional. Nesse sentido ela é constitutiva da consciência histórica. Uma vez que

Interpretar o passado não significa apenas compreender uma versão acabada da história que é reproduzida no manual ou pelo professor. A interpretação do ‘contraditório’, isto é, da convergência e divergência de mensagens, é um princípio que integra o conhecimento histórico genuíno. (BARCA, 2004, p. 139 apud LEE, 2001; BARTON, 2001; VANSLEDRIGHT, 2002; ASHBY, 2003).

Considerando a importância da história para o entendimento das contradições do presente e a construção do futuro, o ensino de História tem um papel relevante quando propicia aos alunos a realização de uma interpretação da história humana em que lhes permitam pensar suas próprias histórias, atitudes, valores e decisões; questionando os propósitos do passado e do presente.

Há um sentido social no conhecimento histórico para a formação da consciência histórica e esses trabalhos são reveladores disso. A consciência histórica – com a sua história própria – se entrelaça com a história numa memória partilhada de destinos coletivos reconstruindo



no presente, o passado e o futuro. Isso envolve, não somente, uma formação cultural e científica, mas também social, moral e emocional.

A disciplina História, desenvolvida e problematizada considerando o arcabouço teórico sobre essa consciência, colabora para que o aluno adquira uma compreensão mais elaborada de modo a desvendar o passado articulado a um maior entendimento do presente e antecipação do futuro.

Desenvolvimento da investigação

No processo metodológico da investigação, com a pesquisa colaborativa, utilizamo-nos dos ciclos de estudos reflexivos, mais especificamente da segunda etapa desse ciclo. Para isso, contamos com a participação da professora Dulce (codinome), graduada em História e que leciona essa disciplina, nos anos finais do Ensino Fundamental, em uma escola pública do Estado do Rio Grande do Norte.

Os ciclos foram desenvolvidos em três etapas: sondagem das necessidades formativas da professora (1ª etapa), apropriação de novos pressupostos teóricos (2ª etapa) e aplicação de conteúdos de aprendizagem (3ª etapa) de modo a se configurar como uma forma de intervenção no processo formativo da professora visando a uma alternativa de mudança quanto ao seu saber-fazer.

Por ocasião da segunda etapa, realizamos no ano de 2011 oito encontros de formação teórica e é sobre um desses encontros, do que trata sobre a consciência histórica, que passamos a refletir. Para isso, analisamos alguns dos depoimentos construídos durante a realização do estudo com a professora citada.

Estudando e aprofundando conhecimento

No dia 08 de agosto de 2011 estudamos com Dulce um texto que havíamos produzido (pesquisadora), denominado: *A consciência histórica na atividade humana e no aprendizado da História*. Iniciamos apresentando à docente do que tratava o texto. Dissemos-lhe, em seguida, que antes da leitura, que ela faria desse texto, gostaríamos que falasse sobre o seu entendimento acerca do desenvolvimento da consciência histórica do aluno, no aprendizado da interpretação de textos de história, e eis o que nos expressou:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Bom, aí é através da leitura, tentar ampliar o conhecimento, conhecer, descobrir o tema em estudo, por exemplo... Então, esse desenvolvimento da consciência histórica, ele vai acontecer no dia-a-dia, no contato com a leitura da história, ficar por dentro dos fatos...

Dulce entende que o desenvolvimento da consciência histórica do aluno, no aprendizado da interpretação de textos de história, ocorre no cotidiano, no contato com a leitura da história, na ampliação do conhecimento, no descobrir o tema em estudo e no saber sobre os fatos. Considerando o exposto, apreendemos que esse desenvolvimento se dá de forma processual na vida diária do indivíduo – embora a professora não tenha usado o termo processo – e que essa consciência vai sofrendo transformações. A docente nos falou, ainda, que através da leitura o aluno amplia o seu conhecimento e descobre o tema em estudo. A leitura, realmente, constitui um dos requisitos fundamentais para a realização da interpretação de textos, o que envolve um conjunto de ações que se referem tanto à explicitação do que se encontra manifesto como, também, obscuro.

Concluído esse momento inicial, ela passou a realizar a leitura do texto buscando refletir sobre o que disse. Ao terminar, falou:

Diante da leitura que eu fiz e da compreensão que eu tive, acho que me aproximei. Porque, aqui, vai dizer que a consciência histórica, ela vai depender dos fenômenos da vida, da prática do dia a dia, do cotidiano [...]. Ela vai se formando na prática da vida em sociedade.

Dirigindo-nos à docente dissemos: teria algo a mais que gostaria de acrescentar? Reportando-se a um trecho, do texto, ela disse: Eu gostaria de destacar o que diz aqui: “Para termos consciência da história é preciso que ela esteja em algo existente e visível sobre o passado”.

Perguntamos-lhe: E o que você está entendendo por esse algo visível sobre o passado? Respondeu-nos: “Por exemplo: estudar sobre a chegada dos portugueses ao Brasil não é uma coisa visível. Assim... Porque não vimos... Mas, é uma coisa que existiu e está visível nos livros”.

No intuito de que a partícipe refletisse um pouco mais, retomamos: Então, o aluno desenvolve sua consciência histórica interpretando textos de história... “É possível... Procurando entender, buscando resposta, dentro do texto, para os questionamentos. É assim, que ele vai construir a sua consciência histórica”. (DULCE, 2011).

A professora partícipe iniciou nos dizendo que os acontecimentos do passado estão visíveis em fontes, como os livros. Nisso resiste um desafio, que é dar significado ao passado considerando o acontecer da consciência histórica em um processo de aprendizagem.



Ela foi ampliando a sua reflexão ao considerar que o aluno desenvolve sua consciência histórica buscando respostas, dentro do texto, para os questionamentos. O questionamento ajudar a fazer com que a experiência do passado se torne relevante para o aluno entender o presente, as permanências e estabilidades na mudança do seu mundo e de si. Todavia, compreendemos a importância de colocarmos questões, também, para além do que o texto pode ter pretendido abordar.

Considerando o exposto, destacamos a importância de momentos de formação, relacionados à prática pedagógica, como possibilidade de aprimoramento do conhecimento docente quanto a ensinar o aluno a interpretar textos de história, desenvolvendo a sua consciência histórica.

Considerações finais

Nossa atenção para com o processo formativo da professor de História, numa relação com o desenvolvimento da consciência histórica do aluno, esteve na tessitura dessa trajetória investigativa

Antes da efetivação do ato de ler apreendemos que a professora Dulce entendia o desenvolvimento da consciência histórica do aluno (no aprendizado da interpretação de textos de história) ocorrendo no cotidiano, no contato que o discente realiza com a leitura sobre a história e no conhecimento acerca dos fatos – algo que ela estabeleceu relação (após a leitura), com o pensamento de Rüsen (2001), no tocante à consciência histórica ter o seu desenvolvimento ligado às situações reais da vida prática.

Referente ao desenvolvimento pelo aluno da consciência histórica, a partícipe complementou ao seu entendimento anterior – que dizia respeito a desenvolver essa consciência através da leitura, da ampliação do conhecimento e da descoberta do tema em estudo – acrescentando a busca de respostas, dentro do texto, para os questionamentos. Algo relevante, se consideramos que é desejável, também que os professores, no desenvolvimento de suas aulas de História, proporcionem aos alunos pensar questões desafiantes e formular questionamentos, a serem feitos à fontes diversas, para lhes ajudar a desenvolver e atingir níveis elevados de consciência histórica.

Referências



BARCA, I. **O pensamento histórico dos jovens: ideias dos adolescentes acerca da provisoriedade da explicação histórica.** Braga: CEEP, Universidade do Minho, 2000.

_____. Aula oficina: do projeto à avaliação. In: Para uma educação histórica de qualidade. JORNADAS INTERNACIONAIS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA, 4., 2004, Braga. **Actas...** Braga: UM, 2004. p. 131-144.

_____. Marcos de consciência histórica de jovens portugueses. **Currículo sem Fronteiras**, v.7, n.1, p.115-126, Jan/Jun. 2007a. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss1articles/introbarca.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2011.

_____. A educação histórica numa sociedade aberta. **Currículo sem Fronteiras**, v.7, n.1, p.5-9, Jan./Jun. 2007b. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss1articles/introbarca.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2011.

_____. Estudos de consciência histórica em Portugal: perspectivas de jovens portugueses acerca da história. In: _____. (Org.). Estudos de consciência histórica na Europa, América, Ásia e África. JORNADAS INTERNACIONAIS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA, 7., 2008, Braga. **Actas...** Braga: UM, 2008. p. 47-53.

_____. Narrativas históricas de alunos em espaços lusófonos. In: _____. (Org.). **Educação e consciência histórica na era da globalização.** Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação, Universidade do Minho. Braga, 2011. p. 7-27.

CARDOSO, O. Para uma definição de didática da história. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, n. 55, p. 153-170, 2008.

CERRI, L. F. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 93-112, 2001.

LEE, P. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: BARCA, I (Org.). Perspectivas em educação histórica. JORNADAS INTERNACIONAIS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA, 1., 2001, Braga. **Actas...** Braga: UM, 2001 p. 13-27.

_____. 'Walking backwards into tomorrow': historical consciousness and understanding history. **International Journal of Historical Learning, Teaching and Research**, v. 4, jan. 2004. Disponível em: <<http://centres.exeter.ac.uk/historyresource/journal7/lee.pdf>> Acesso em: 24 jul. 2012.

PAIS, J. M. **Consciência histórica e identidade: os jovens portugueses num contexto europeu.** Oeiras: Celta, 1999.

RÜSEN, J. [1983]. **Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica.** Tradução Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 2, p. 07-16, jul./dez. 2006. Disponível em: < http://dialnet.unirioja.es/servlet/fichero_articulo?codigo=2677066>. Acesso em: 30 mar. 2012.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

_____. **Jörn Rüsen e o ensino de história.** SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. (Org.). Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SEIXAS, P. **Theorizing historical consciousness.** Vancouver: University of Toronto Press, 2004.